

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

**TEHEY DE PESCARIA DE CONHECIMENTO**

**WERYMEHE ALVES BRAZ**

**Belo Horizonte/MG**

**Mai / 2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

**TEHEY DE PESCARIA DE CONHECIMENTO**

Percurso acadêmico apresentado no âmbito do curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores indígenas, habilitação em Ciências da Vida e da Natureza, da Faculdade de Educação da universidade Federal de Minas Gerais.

Orientanda: Werymehe Alves Braz

Orientador: Juarez Melgaço Valadares

Coorientadora: Áquila Bruno Miranda

**Belo Horizonte/MG**

**Maior / 2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Yãmixoop pela oportunidade de ingressar na universidade UFMG, aos meus pais Kanatyo Pataxoop, D. Liça Pataxoop, meu filho yãmhitâuxi, meus irmãos, e em especial minha irmã Txahá minha gratidão a todos vocês por ter me apoiado e ajudado a vencer mais uma conquista. Agradeço a FAE e a UFMG por nos acolher e nos apoiar com carinho, deixo minha gratidão aos coordenadores do FIEI, professora Marina e Shirley, a todos os coordenadores, aos bolsistas, e aos meus colegas da CVN, CSH, LAL e MATEMÁTICA deixo meu obrigado, por todos os momentos de força, alegrias e luta que passamos juntos.

Deixo meus agradecimentos ao meu orientador Juarez e minha coorientadora Aquila muito obrigado por fazer parte dessa minha trajetória aqui no FIEI pela paciência e o apoio. Aos meus amigos quero deixar o meu obrigado especialmente minhas amigas Ivanilda e Daniela.

## **RESUMO**

Neste trabalho apresentamos os tehêys de pescaria de conhecimento. O Tehêy é um livro, onde se coloca a vida da aldeia. Com ele se pesca a alegria de ser e de estar em Muã Mimatxi, de estar no mundo. Pescamos as nossas memórias, a nossa cultura, os parentes gente, os parentes planta, os parentes bichos. E desde a origem somos acompanhados por Yãmixoop. Para entendermos melhor essas relações criadas e mantidas, entrevistamos D. Liça e seu Kanatyó, fundadores da aldeia. Para cada vivência do cotidiano, para cada tehêy, deparamos com um valor a ser compartilhado. Fomos descobrindo as narrativas contidas em cada desenho, em cada 'escrita' de D. Liça. E aprendendo e ensinando com ela. Essa uma contribuição importante deste trabalho: aprender a compartilhar. E aprender que respeitar a cultura do outro é fortalecer a de Muã Mimatxi.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Indígena; Tehêy de conhecimento; ancestralidade e valor; memória.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	6
1.1 QUEM SOMOS ONDE VIVEMOS.....	6
1.2 CONVERSANDO COM D. LIÇA E KANATYO.....	8
2. OS TEHEYS DE PESCARIA DE CONHECIMENTO.....	10
2.1 Valor do Tehêy: Os cuidados e proteção das crianças.....	10
2.2 Valor do Tehêy: Compartilhar e ajudar os animais .....	12
2.3 Valor do Tehêy: A vida na minha casa.....	14
2.4 Valor do Tehêy: Alegria e liberdade Pataxoop com a natureza.....	15
2.5 Valor do Tehêy: Alegria dos cantos da natureza .....	17
2.6 Valor do Tehêy: a terra está se alimentando.....	19
2.7 Valor do tehêy: A construção do povo Pataxoop .....	20
2.8 Valor do tehêy: A sobrevivência do povo Pataxoop.....	22
2.9 Valor do tehêy: Ritual de agradecimento .....	25
2.10 Valor do tehêy: Ritual das águas .....	28
3. A IMPORTÂNCIA DO TEHÊY PARA A COMUNIDADE.....	30
4. CONCLUSÃO.....	32
ANEXO 1 – ENTREVISTA COM SEU KANATYO .....	36

## 1 - INTRODUÇÃO

### 1.1 QUEM SOMOS ONDE VIVEMOS

Eu me chamo Werymehe Alves Braz, e sou da etnia Pataxoop. Eu sou filha de Salvino Dos Santos Braz (Kanatyo Pataxó) e Luciene Alves Dos Santos (D.Liça). Somos povo Pataxoop, povo que veio da resistência. A nossa aldeia se chama Muã Mimatxi (pequena moita de mata), e fica localizada na região centro oeste de Minas Gerais, no Município de Itapeçerica. Viemos de um território sadio onde tudo acontecia de uma forma partilhada, e equilibrada entre vários tipos de seres vivos. Nós viemos de um tempo muito antigo, e com o conhecimento acumulado ao longo do tempo nós aprendemos a viver dentro de um território como uma grande irmandade; e antigamente, nosso povo era o ‘povo papagaio’, que veio do tempo ancestral, durante o surgimento do mundo. Somos povo que veio das águas, de mata grande, onde nosso povo viveu desde antigamente. Vivíamos em um grande território que começava no sul da Bahia, entrava no estado do Espírito Santo e vinha até Minas Gerais; era um território imenso, onde não se tinha limite para morar e caminhar. Nesse tempo, a gente caçava, pescava e coletava frutas e plantas. Nosso povo vivia caminhando nas beiras dos rios e nas montanhas, onde buscava os conhecimentos das matas, do rio e da terra, em ligação profunda com os Yãmixoop.

O povo de Muã Mimatxi tem uma profunda ligação com todo universo da terra e da natureza. A gente sempre procura lugares místicos e de muita força e andamos no território ancestral através da nossa religiosidade, e com nossa religião chegamos aqui em Muã Mimatxi, onde tinha poucos animais que conhecíamos, e hoje tem animais que veio de longe para esse pedaço de terra, tem plantas que não tinha aqui e que hoje já tem, então nós vamos carregando essa irmandade pra perto da gente através da nossa religião, da nossa cultura a gente busca essa afirmação de identidade do nosso povo. Assim, é muito importante a afirmação do nosso território porque ele vai mudando de acordo com a vida que a gente vive, e Muã Mimatxi, onde vivemos, é uma terra pequena, mas tem de tudo dentro desse pensamento nativo do meu povo. Aqui tem-se uma ligação profunda com o mar, pelas correntes de ar, o Sol, a lua, e através da nossa

cultura e religião a gente vai transformando o território em nossa casa, e com a nossa cara. O território é o nosso lugar de fixar a raiz da nossa cultura, e Muã Mimatxi é um chão de vida que nos fortalece, e sentimos as magias das plantas e de todo o universo que vive aqui. Por meio de nossos rituais somos um povo que vive desde o tempo ancestral, vivendo essa vida com a floresta, rios, animais, frutas e sementes. Toda essa irmandade que temos com a natureza nós chamamos com a nossa música, com a nossa arte, com a nossa poesia cultural, com as nossas palavras, com o nosso sentir a vida em todos os cantos da terra. E cada tempo é vivido diferente um do outro; tem o tempo das águas, tempo do frio, tempo da seca, e todos esses tempos tem sua ligação com o ciclo do universo. Nós caminhamos juntamente com essa grande espiritualidade da terra e do universo para fortalecer nossa vida aqui, o mundo Pataxoop é tudo que desenvolvemos na nossa vida a maneira de ser e viver. A centralidade maior da nossa aldeia é a educação, e ela está no centro de nossas vivências.

Eu trabalho na escola da minha aldeia, onde sou professora de educação infantil. O nome da escola é Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi. A escola tem o nosso próprio jeito diferenciado de dar aula, pois fortalecemos mais ainda os valores da vida e de nossas tradições. Além disso, fazemos uma ponte entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais. As nossas crianças aprendem os dois ensinamentos.

Nosso ensinamento é através do cotidiano e pela convivência das crianças; buscamos os valores da vida e da realidade que nosso povo vive. A nossa escola tem seu próprio jeito de ensinar, suas próprias pedagogias, onde fortalecemos a identidade da nossa comunidade e do nosso território. Tem vários métodos que são trabalhados em nossa escola: alfabetizar cantando, jogos Pataxoop, uso do território, cultura Pataxoop e em todos esses métodos são trabalhadas as matérias (matemática, português, ciências, geografia e história).

Além dessas atividades, tem uma professora que trabalha com os tehêys. Utilizar um tehêy é ensinar com as imagens desenhadas pela professora de 'Uso do Território', e que se chama Luciene (D. Liça). Eu gosto muito desse jeito de ensinar as crianças, é um ensino que mostra a vida delas mesmas através dos desenhos. São desenhos-narrativas, que contam histórias em cada imagem. As crianças aprendem a ler com as imagens e conhecer os valores da vida e da natureza que fazem parte e fortalecem a nossa cultura, o nosso território, a nossa saúde e a vida do nosso povo de Muã Mimatxi. Eu quero muito fazer meu trabalho de graduação sobre o Tehêy de Pescaria de Conhecimento,

porque é um método que é trabalhado em todos os momentos da vida na aldeia. Para tanto, realizamos entrevistas com a D. Liça, e seu marido, o Kanaty Pataxoop. As entrevistas se voltaram para explicar os significados de dez tehêys, escolhidos entre o quase cem que ela construiu. Após cada entrevista, foi feita a sua transcrição.

## 1.2 CONVERSANDO COM D. LIÇA E KANATYO

O que é um Tehêy? Segundo D. Liça, o Tehêy é um instrumento, uma armadilha Pataxoop que a gente usa em pescaria, tecida com corda de tucum e cipó, e usada para ‘teheyá’ a pesca no rio. Nós temos vários tipos de armadilha para pesca, e o Tehêy é usado pelas mulheres, homens e crianças pescarem nos rios. Porém, quem usa mais o Tehêy são as mulheres, que gostam de ‘Tehêyá’. O tehêy também seleciona os peixes, porque tem vários tipos de peixes, grandes e pequenos, e o Tehêy ajuda na seleção, uma vez que ele coa a água, e pegamos a quantidade de peixes que dá para nos alimentarmos, e os que são pequenos devolvemos para o rio, desvirando o tehêy. Então o Tehêy é este instrumento para a pescaria. Aqui veremos que ele pesca conhecimento, alegria, identidade, cultura, convivência e força.

Mas quem é D. Liça, e o que ela pensa da vida? Vamos juntos: “Como eu não tenho o conhecimento de leitura, o meu material tem a escrita, mas que é diferente daquilo que vocês ‘conhecem e chamam de escrita’. Kanaty nos ajuda a compreender melhor essa passagem, quando diz em sua entrevista que “esse conhecimento das imagens passa para a escrita também porque ele é um material que te proporciona vários tipos de produção, vários tipos de escritas no tehêy; a gente encontra a música, a brincadeira, as histórias, a ciência do nosso povo, encontramos vários trabalhos para desenvolver. O tehêy carrega uma imensidão de saberes, uma biblioteca viva de conhecimentos’. D. Liça conta sobre a origem dos tehêys, que veio dos sonhos tranquilos após a chegada em Muã Mimatxi. Para ela, a ‘sua escrita’ é capaz de passar os conteúdos e valores de seu povo, e “a ideia de tehêy como pescaria veio do sonhado”, logo após a chegada da sua família em Muã Mimatxi.

Que entendimento D. Liça tem de sua escrita? Vejamos: “Vemos que a escrita que faço do meu ensino é um Tehêy, um instrumento da pescaria, porque nele eu desenho tudo o que eu quero falar, apresentar e mostrar. Eu desenho tudo em uma folha, mas tem o nome de Tehêy; para o meu povo Pataxoop, o Tehêy é um instrumento de



pescaria, mais aqui chama Tehêy de pescaria de conhecimento. São conhecimentos que eu aprendi, do que eu sei fazer, e no Tehêy tem vários tipos de conhecimentos que eu quero ensinar e apresentar, então vai tudo para dentro daquele material”. D. Liça ainda faz uma comparação entre Tehêys, ‘porque os Tehêys de pescaria pegam vários tipos de peixe, e os Tehêys de pescaria de conhecimento são as imagens que cada conhecimento possui, e cada imagem é diferente uma da outra, então o Tehêy para Muã Mimatxi é esse, e também para não acabar com a cultura e valor nas imagens de cada tehêy.

Assim, D. Liça deixa claro que seus tehêys representam não apenas o conhecimento, mas a cultura e os modos de vida do Povo Pataxoop, e são as imagens e as narrativas que figuram em cada um, ‘ajuntados’ por Yãmixoop, que os diferenciam de outros povos. Kanatyto completa, com uma visão mais pedagógica: “O Tehêy de pescaria de conhecimento é uma prática pedagógica da escola da minha aldeia. Ele é um livro, onde o professor registra toda sua pesca de conhecimento que ele pescou durante a vida cultural, ele é um livro vivo que guarda histórias vivas (...) que viram conhecimento”. Ao dizer que os tehêys são experiências de vida singulares, de cada um, Kanatyto não perde de vista o coletivo, o grupo de pertencimento. Para ele “os tehêy (...) vai guardando toda essa experiência de vida e o importante é que o tehêy ele não morre e não finda, o tehêy liga as várias histórias da vida, ele liga um conhecimento a outro conhecimento, liga um valor a outro valor, liga um tempo a outro tempo, liga uma geração a outra geração o tehêy ele é importante porque ele não deixa morrer a cultura e os conhecimentos ancestrais”. Podemos concluir que o poder de intermediação dos tehêys é muito grande: ele liga tudo, e também liga a oralidade com a escrita, a escola com a comunidade, as experiências de cada um, o passado de o futuro.

A seguir trazemos para conhecimento e análise alguns tehêys criados por D. Liça, o que cada um deles representa, e como expressam o contato entre culturas diversas.

## 2. OS TEHEYS DE PESCARIA DE CONHECIMENTO

### 2.1 Valor do Tehê: Os cuidados e proteção das crianças

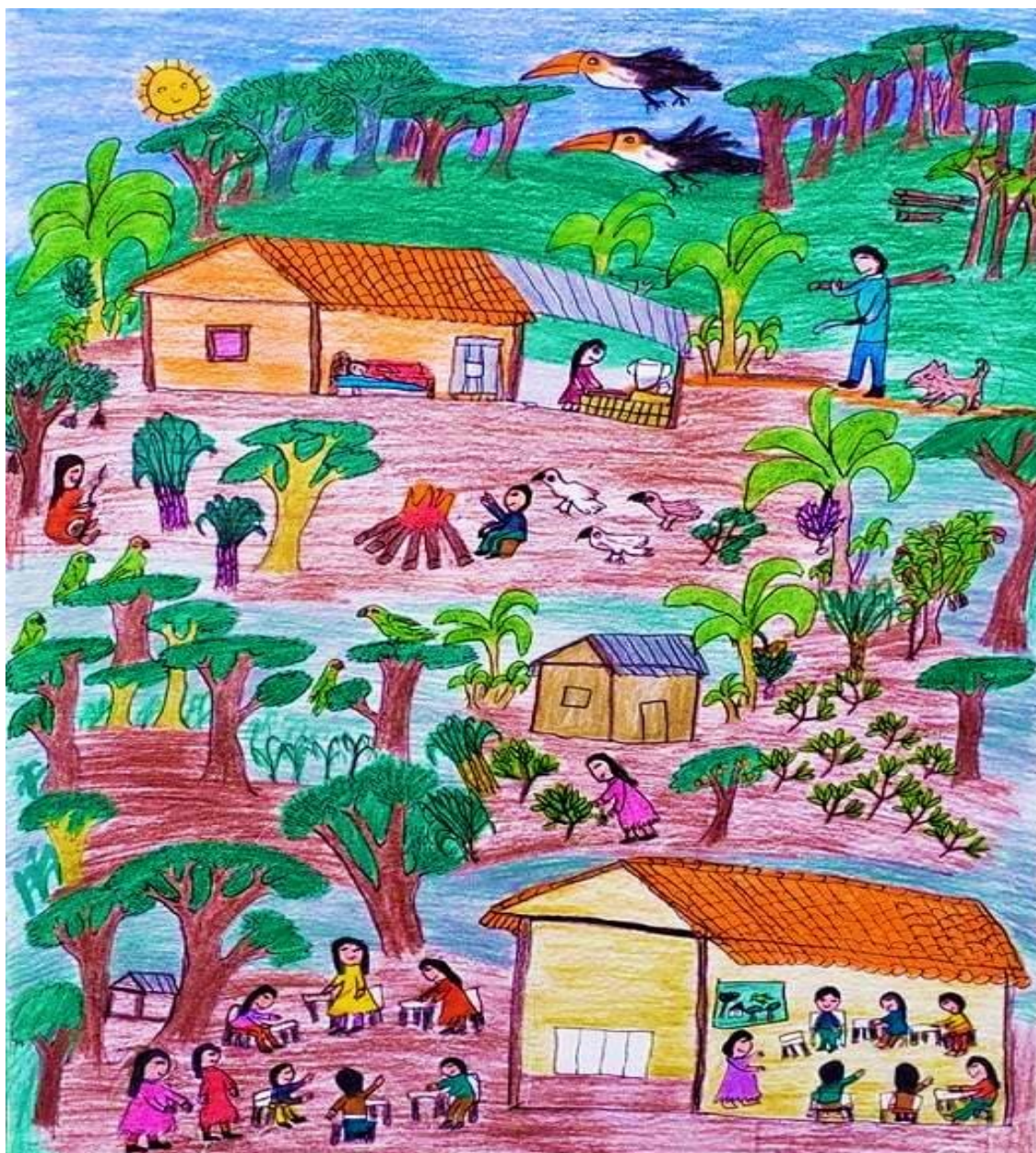


Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

O tempo do frio é um tempo que a gente tem muito cuidado com as crianças, porque as crianças são cuidadas pelas mães e as crianças são iguais a uma planta, no tempo do frio elas precisam de cuidado, é um tempo que as crianças precisam de zelo.

Como nós moramos em um território que é muito frio, e cada tempo tem uma forma de cuidado na vida, então a gente ensina na escola, e em casa ensinamos às famílias e as mães vão aprendendo a ter cuidado com as crianças porque nesse tempo a gente cuida de tudo, e aqui em Muã Mimatxi a gente precisa ter esses cuidados com as crianças de manhã, a tarde e noite. Esse é um tempo em que as crianças pegam muito resfriado, e precisam de agasalhos de manhã e de tarde, apesar de que no correr do dia o sol está quente, mas quando é de manhã e noite esfria muito, e é muito importante a gente dar esse ensino para as famílias. Esse é um Tehêy de ensino para as mães, pois são elas que trabalham em casa e na escola, e as mães fazem alimentos mais quentes, bebem bastante caldo quente, fazemos a bebida do cauim para aquecer o corpo das crianças, e dos adultos também. É tempo das crianças griparem, ficar com muita febre, garganta inflamada, e com esse ensino a gente viu que, ultimamente, nossas crianças no tempo do frio não passaram por esses tipos de doenças, e elas ficaram crianças saudias. Para tanto, as mães fizeram chá, lambedor para elas beberem, e na escola também os professores tem esse cuidado nas aulas com as crianças, colocando-as no sol até a hora da aula, para as crianças aquecerem mais. E quando o sol esquenta a gente vai para a sala de aula, e através das crianças a gente também cuida das plantas pequenas, medicinais, de tempero, pois elas ficam mais sensíveis. A gente agasalha as crianças mais cedo, deita mais cedo, não deixando as crianças no sereno. As crianças esquentam no fogo dentro de casa e tem que ter o fogo dentro de casa para aquecer a casa. Esse é um Tehêy que fala dos cuidados com as crianças.

## 2.2 Valor do Tehêy: Compartilhar e ajudar os animais

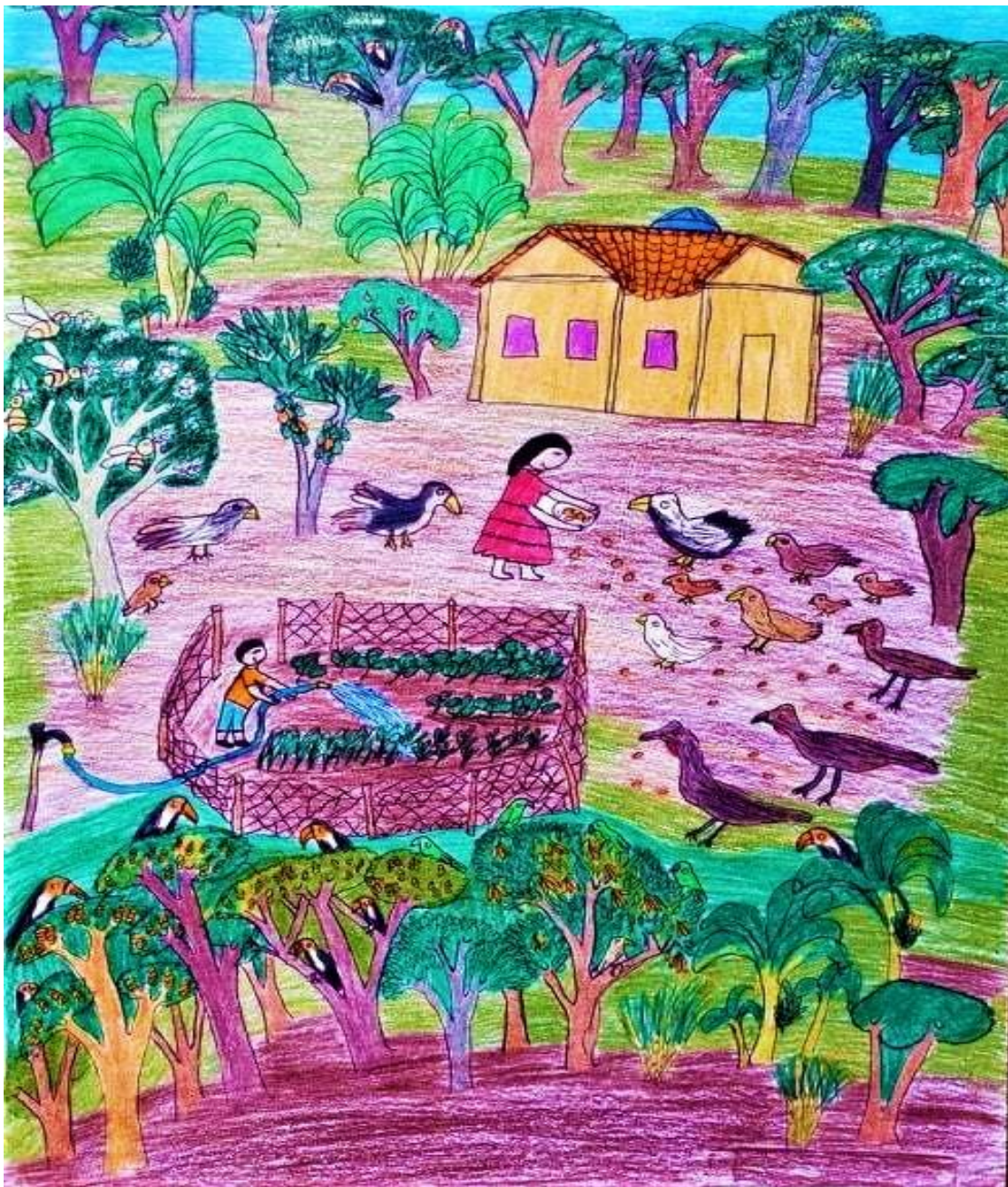


Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

Este é um Tehêy da preservação da vida, de preservação da natureza. É um valor que a gente tem com nós mesmos, em Muã Mimatxi. Quando chega o tempo da seca, a gente ajuda até os animais da natureza porque no tempo da fartura a gente planta milho,

feijão, banana, mamão e esse tempo, ao contrário, é um tempo em que tudo está escasso, e a gente preserva as plantas para os animais aqui em Muã Mimatxi, como as touceiras de bananas que tem aqui são para os tucanos, e para os passarinhos que vivem na natureza. Nessa época a natureza está quieta, também ela está trabalhando bem pouco, e quase não encontramos frutas. Esse Tehêy mesmo é um Tehêy daqui de casa, porque aqui vem os tucanos como em todas as outras casas, e todo mundo já tem esses aprendizados. Através da escola, a gente tira um cacho de banana e deixa o outro lá, e como aqui tem eu dando milho às galinhas, é uma forma da gente estar cuidando das galinhas e aqui tem também o jacu que vem também todos os dias comer, e também é tempo da gente estar cuidando das pequenas plantas, e nesse tempo aqui tem mamão e a gente fala para os meninos deixarem os mamões para os passarinhos e para os sabiás. Vem ainda vários tipos de passarinhos para comer: tem as gralhas, que comem os ovos das galinhas, e a gente deixa elas comerem, os tucanos carregam também os ovos, o assa-peixe a gente não corta por causa das abelhas, tem a juerana que é uma semente de artesanato, e a gente tira de um pé e deixa o outro para as maritacas, os periquitos, as suias.

Esse tehêy possui um valor muito importante para a gente incentivar as nossas crianças para que elas não cortem uma planta. Tem as ciriguelas, e quando é o tempo dela chupamos muito, e deixamos também para os bichos, porque a vida da gente aqui é compartilhada mesmo com os animais. A gente planta para a gente e para a natureza, como a gente planta couve, alface, rúcula e deixa para os perus, os gansos, e eles gostam muito. É também uma forma da gente ajudar os animais e não deixar a natureza passar necessidade; às vezes tem um cacho de banana, como eu sempre falo a escola é nossa mata, nosso mangue, nosso rio porque a gente pega um kaiãmba (dinheiro) e já compra uma coisa para a gente e deixamos o cacho de banana ali, onde a natureza não tem. Ela pode compartilhar depois para nós, então aqui é o Tehêy para incentivar a vida para ajuda dos animais. Crescer nesse pensamento. Os bichinhos vêm e chupam as frutas, e quando está acabando a gente nem chupa mais para deixar para eles, até a chuva voltar e a fartura chegar novamente.

### 2.3 Valor do Tehêy: A vida na minha casa

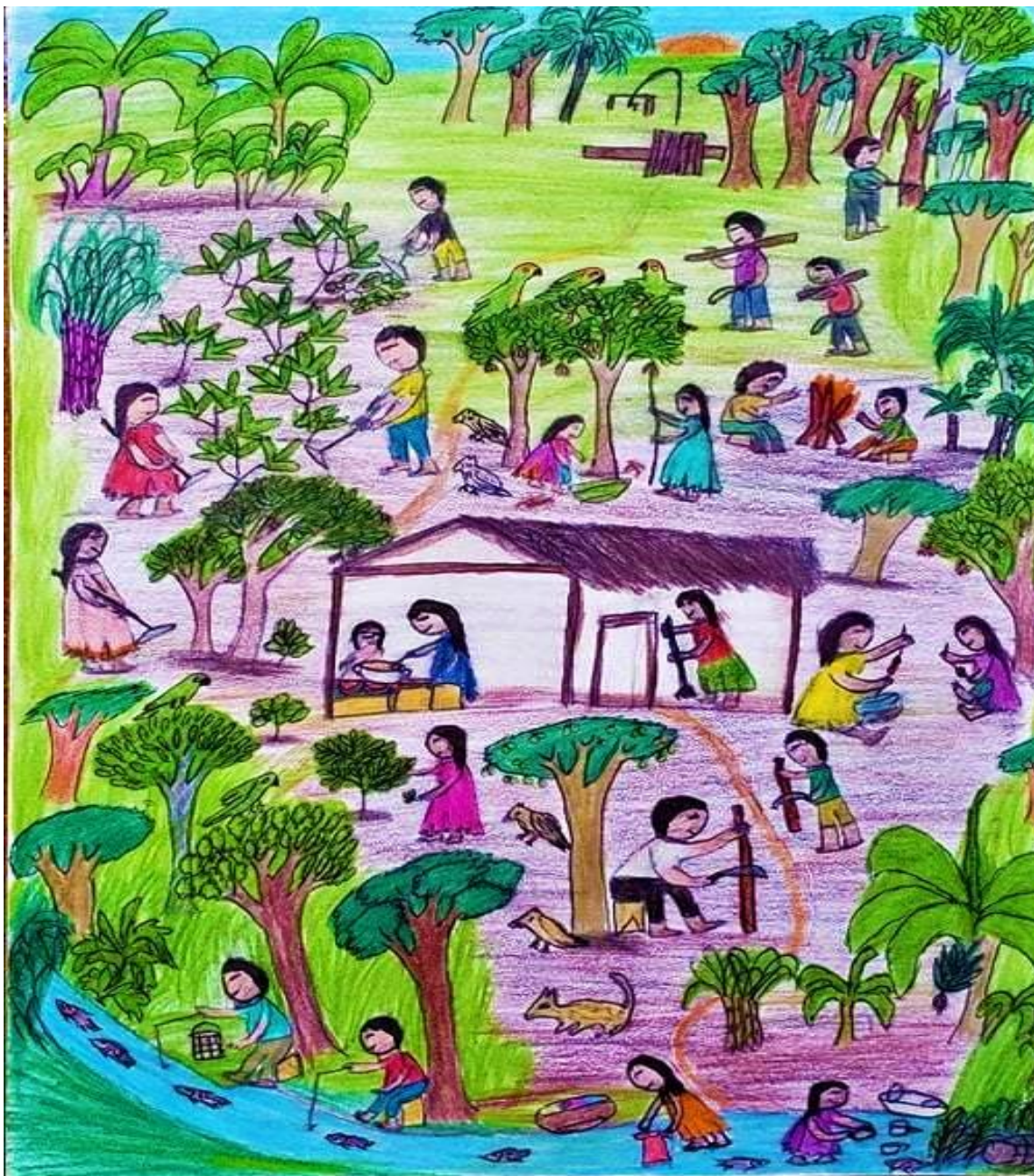


Foto dos autores. 2018. Tehêy feito por D. Liça Pataxoop.

Eu fiz o Tehêy da forma que a gente vive em Muã Mimatxi; como a gente também tem o ensino próprio da vida dentro da própria casa, ai eu faço esse Tehêy e peço às crianças para fazerem a vida delas dentro da própria casa delas. Aí as crianças escrevem textos ou desenham a vida dela. Aqui é um Tehêy muito importante para a

gente ver não só o aprendizado, porque o aprendizado da escrita é tudo que a gente aprende dentro da casa da gente, e é uma forma das crianças aprenderem, como a gente sempre fala que é de casa que vem o ensino. É um Tehêy dos trabalhos das famílias para as crianças apresentarem a família dela e o professor também. Aqui é um Tehêy, e na minha casa eu compartilho com tudo, compartilho com trabalhos, e a gente sai para a mata, busco lenha com Seu Kanaty, vamos capinar a roça, cuido da hortinha, arranco semente para fazer artesanato, faço artesanato, varro a casa, faço a comida, acendo o fogo. Aqui estou fazendo artesanato com outra criança junto de mim, e seu kanaty fazendo artesanato junto com Kanatxi. Estamos lavando roupa e pescando. É mais uma vida que a gente aprende com a mãe da gente e as crianças também, vivemos juntos com os animais na própria casa da gente, e vem os animais da natureza, e aqui mesmo tem muitos periquitos, muitas maritacas a gente deixa a natureza viver junto com a gente. É um Tehêy mais da vida mesmo, da minha vida, do ensino para as crianças, e aí as crianças apresentam o deles também.

#### **2.4 Valor do Tehêy: Alegria e liberdade Pataxoop com a natureza**



**Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.**

Esse é um valor muito importante de liberdade e alegria porque é com a natureza que a gente aprende, como eu vejo que a gente é da terra, o indígena e a natureza eles não vivem longe um do outro, e nem sozinho também porque desde quando yamixoop formou o mundo a gente veio junto com a natureza e quem tem essa liberdade com a gente é só a natureza. Como a gente tem esse ensino da vida, a gente foi feito junto com a natureza e a natureza foi feita junto com a gente. Sentimos essa liberdade com ela, e por isso que o indígena não vive sem a sua terra, e sem a natureza ele não vive porque desde quando formou a terra e nós indígenas, os yãmixoop formaram juntos, e mesmo assim estamos nesse mundo de hoje, tudo já acabado pelo homem branco. A natureza dá uma liberdade para o indígena porque ela não vende nada para nós. A natureza e a gente vivem em troca, então por isso a natureza faz parte de toda a nossa vida, a mata, os rios, a terra, todos os lugares que tem na terra, os campos, os brejos, as pedras, as montanhas, todo o mundo é ligado à natureza, porque é dela que o indígena sobrevive, e aqui é o ensino para gente estar ensinando para as crianças como eu fui ensinada, que eu não vivo sem a minha terra porque a minha terra eu posso ir nela e a gente sempre tem esse respeito com a terra e a natureza. A gente pede à terra e devolvemos para ela. E a gente ensina para as crianças a desenvolverem com a natureza, e ir na mata pegar um cipó, pegar uma semente, pegar uma madeira para fazer um arco, pegar madeira para fazer casa e a gente dar o ajuda a ela também, e damos através da própria devolução da natureza porque tudo que nós tiramos da natureza volta de novo para ela. E a terra, a mata e o rio eles estão aqui para dar para nós mesmos. Hoje a gente mora nessa terra mas ela é marcada, ela tem o limite até onde eu possa andar e onde é marcado para mim tudo eles me dão, porque se eu preciso de uma madeira para fazer uma casa eu peço a ela e ela me dá, se eu preciso de uma lenha eu vou lá e ela me dá, e é um lugar de liberdade porque é da onde a gente aprende também a viver. A natureza ajuda a gente a viver junto, a compartilhar um com outro, dar esse ensinamento de fazer as trocas com seu parente, de viver junto e não vender nada dela para o outro parente. É como eu falo: Muã Mimatxi tem o ensino dela, da natureza, os rios são de todo mundo, o que tem no rio é de todo mundo. No tempo do milho, feijão, mandioca se o outro parente não tem a gente dá ou troca, e compartilhamos também com todos. Esse Tehêy é para falar dessa alegria, nós caçamos, pescamos, buscamos madeira, buscamos lenha, buscamos suas matérias de fazer artesanato, tudo, tudo, tudo da natureza. As vezes a gente vê um pé de fruta lá dentro da mata e quem plantou foram os animais e a natureza e eles mesmo que cuidaram, e a gente tem essa alegria de viver, e com a natureza a gente canta, grita e



sorrimos. Esse ensino é mais para as crianças aprenderem, e como a gente fala que moramos próximo da cidade e na cidade tudo é comprado e se a gente não tiver o dinheiro ninguém traz nada de lá. Já a natureza a gente pede, e ela nos dá e a gente devolve para ela. O que a gente tira da natureza, uma casca de madeira, uma fruta e jogamos adubo no pé das plantas, pois é de lá que tiramos nosso sustento de vida e essa é nossa ligação com a natureza, a nossa liberdade com os pedaços das nossas matas.

### 2.5 Valor do Tehêy: Alegria dos cantos da natureza



Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

A gente sente a alegria de ver o cantar da natureza, e a gente ensina as crianças a ouvirem uma música do cantar dos animais. No Tehêy tem os pássaros passando, os tucanos que são os pássaros que ouvimos o ano todo, quando ouvimos os cantos dos animais a gente se sente alegre, a gente se sente feliz de ouvir porque tem os cantos dos tucanos que é muito bonito, o cantar de um grupo de periquitos, o canto de um pombo, o canto de um caburé, o canto de uma seriema, o canto das cigarras e outros que passam por aqui cantando, os flauteiros, os quero-quero, e eu me sinto alegre, e nós ensinamos as crianças a se sentirem alegres. E eu mesma nasci no território Barra Velha, que tinha muitos pássaros que passavam cantando, muitos grupos de papagaios, de macacos, de tucanos, perdizes, e aqui também tem juruti, saracura, quero-quero. Eu me sinto alegre de ver eles cantando, lembro do meu tempo de criança, e a gente fala para as crianças que a gente escutava muito esses cantos e eu falo que fico muito alegre, e para eles se sentirem alegres também quando eles ouvirem o cantos dos passarinhos, os gritos dos corujão, e tem também os cantos dos animais dos quintais como os gansos, as angolas, cantos dos galos, os piados dos pintos e isso faz a gente sentir feliz porque no lugar onde eu moro, e no lugar que eu nasci tinha muito e Muã Mimatxi traz a alegria desses cantos dos animais pra mim, e eu me sinto feliz e alegre. E a gente ensina para as crianças ouvirem, porque passa batido pelo povo, eles estão tão iludidos pelos outros cantos, os barulhos dos brancos e não ouvem a natureza. É para incentivar mesmo as crianças crescendo e se embelezando pela natureza.

## 2.6 Valor do Tehêy: a terra está se alimentando

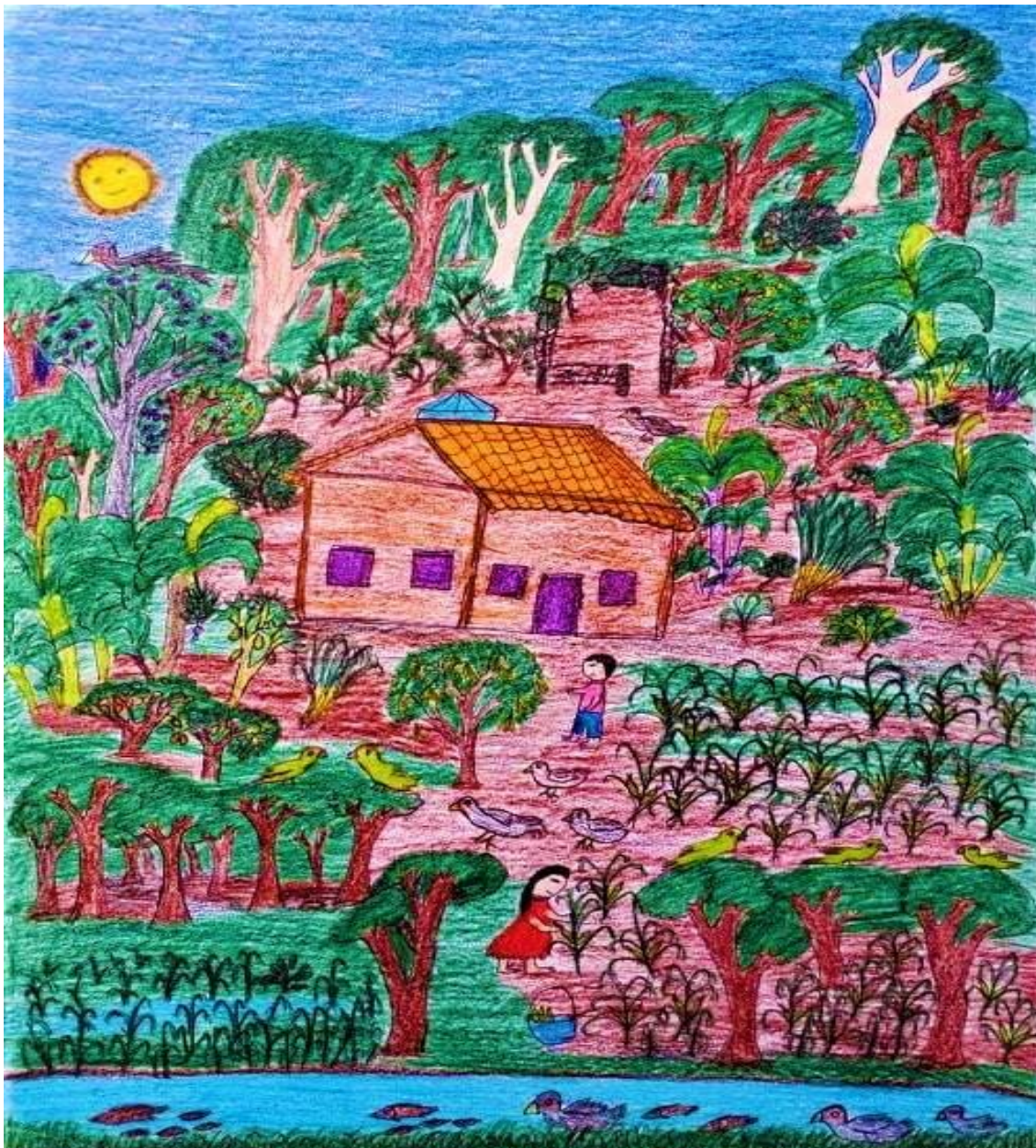


Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

É um valor de alimentação, a gente que tem que ensinar às crianças, como eu falo que nós trabalhamos pelos tempos porque a terra ela se alimenta através das águas da chuva, do sol, do vento, dos raios e do trovão. Todo mundo se alimenta nesse tempo, e aqui nesse tempo a terra está mais verde, as plantas estão todas verdes e as frutas estão, todas amadurecidas, as jaboticabas, as sementes de artesanato, e quando chega, esse tempo a terra toda se alimenta através do outro tempo, das folhas que caíram no

chão, esse é o tempo da vida, é um tempo que nasce, cresce, amadurece, fortalece, engrossa. As plantas estão alimentadas, os animais estão alimentados através dos milhos que a gente planta e a gente também está alimentando através da fartura dos milhos que plantamos, os rios estão alimentados pelas águas novas, os paturis e o martim pescador se alimentam com muitos peixes nos rios, e a gente vê que é um outro tempo, que as águas estão batendo na terra, é um tempo que ela está alimentada pela nuvem, a queda da terra do céu alimenta a terra de baixo, onde a gente vê nascer e crescer as sementes que caíram no chão, está tudo nascendo. Os bichos estão todos alegres, os passarinhos batendo asa. Esse valor fala mais do alimento da terra, e as crianças precisam saber que nós nos alimentamos, nós temos nossos alimentos, e a terra tem o seu próprio alimento que são as águas e as sementes, o ensino vai longe e nós indígenas sentimos e vemos a terra sadia e alimentada, e a gente se sente sadio e alimentado, as madeiras estão todas coloridas e fortalecidas, os compadres anjiqueiros estão todos fortalecidos. Então tem um tempo que a terra está alimentada e a terra tem o tempo que está enfraquecida. Esse é o tempo que ela está alimentada.

## 2.7 Valor do tehé: A construção do povo Pataxoop



Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

Esse é um tehêy que conta a história do povo Pataxoop e andihy (branco), é um tehêy que tem o nosso conhecimento da construção de vida. Quando Yãmixoop formou o mundo ele formou para todos, para o andihy que é o homem branco e o txihy que é o Pataxoop; é um tehêy de construção de vida de cada um no seu lugar porque nós viemos de um outro lugar, viemos de uma terra para lá do céu, e tem a chegada do branco e do Pataxoop na terra e o caminho foi formado para que todos viessem para a terra. E quando foi para vir para a terra, Yãmixoop veio primeiro, e ele fez a terra, fez tudo na natureza. Yãmixoop formou o chão de vida, mais primeiro yãmixoop veio na terra e viu que dava pra Pataxoop e andihy virem, então ele formou o chão e fez a terra, fez a mata, fez o rio, fez o mar, fez a montanha. Yãmixoop fez tudo que a gente vê na terra, e esses foram os primeiros parentes que chegaram na terra. Depois yãmixoop sonhou que poderia estar mandando alguém para viver nesse chão da terra, mas Yãmixoop ficou imaginando como a gente caminhava, como vinha para a terra, e Yãmixoop via que o Pataxoop e o indihy (homem branco) eram diferentes, o indihy (homem branco) é de um jeito e o Pataxoop é de outro jeito, então Yãmixoop pensou e formou um caminho no céu: uma grande esfera, tipo um túnel, onde teria uma força maior do universo que poderia trazer a gente, e esse túnel ficou preto com muita força da água, porque a água tem muita força quando olhamos para o rio, a gente vê que ele anda rápido então yãmixoop formou esse caminho, na hora que Pataxoop e indihy (homem branco) iam entrar no caminho Yãmixoop conversou com eles. Primeiro Yãmixoop falou: o caminho do Pataxoop ele entra e segue, mas tem um atalho e o indihy (branco) caminhava mais um pouquinho, então Pataxoop ia sair em uma terra e indihy saía em outra, então Yãmixoop fez a divisão, e colocou cada um no seu quadrado, em sua terra. Yãmixoop fez a terra que hoje nós vivemos e a outra terra que é do outro lado do mar, então a divisão das terras foi o mar e lá na terra do indihy ele colocou tudo que colocou aqui na nossa terra, mas ai que aconteceu a invasão dentro do nosso território de vida, mas nós fomos fortes através dessa invasão, mas ai veio o indihy ketxee (Cabral), que estava caminhado no mar, mas ele muito curioso avistou nossa terra, mas Yãmixoop indicou para todo mundo onde era o lugar do branco e qual era o lugar do indígena e que nós íamos viver bem na nossa terra igual aos brancos também, só era para a gente cuidar, zelar e proteger e essa é a verdadeira história de produção dos povos que veio para viver na terra, porque as vezes o homem branco não tem imaginação, ele acha que Deus colocou eles juntos com a gente, mas ele não colocou. Deus, quando nos enviou para cá foi diferente, foi cada um no seu caminho. Como o branco foi curioso e ganancioso,

mesmo Deus colocando-o na terra dele, ele ficou procurando formas de descobrir coisas para ele ter ganância, e foi onde ele encontrou nosso povo aqui. E ele chegou derrubando todo mundo, mas essa história dentro do nosso povo é muito forte e muito sagrada para a gente, porque cada um teve seu chão para viver.

E esse túnel que aconteceu no céu foi nesse tempo, no tempo das águas que chegamos e nós chegamos felizes na terra, e aqui nós tivemos a nossa produção e o indihy (homem branco) teve a produção dele, e Yãmixoop não escolheu a forma de cada um chegar, todo mundo chegou de um jeito só e nós continuamos a nossa vida do jeito que Yãmixoop colocou, mais depois indihy estragou tudo, estragou a vida, a natureza, colocou outros costumes, mas não foi isso que nos enfraqueceu. Cada vez mais lembramos da nossas histórias e nos fortalecemos, e ficou guardado na memória, e esse é um tehêy fortalecido na minha vida, ele é uma história de marca do povo Pataxoop: conta da chegada aqui na terra, porque as vezes o homem branco ele é o primeiro a desconsiderar o dono da terra porque o que é deles eles tiveram também e hoje aqui está cheio de brancos. Eles pensam que eles foram os primeiros donos da terra, os primeiros habitantes dessa terra, mas não é. Somos nós, porque temos essa história e não é isso que faz a gente ser fraco, nós somos um povo diferente, de resistência, de cultura. Somos o dono dessa terra

## 2.8 Valor do tehêy: A sobrevivência do povo Pataxoop



Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop

O tehêy mostra uma cultura, ele conta as histórias, tudo é como um nascer de um filho, e nós, para virmos à terra, tivemos quem colocou a gente aqui: Yãmixoop. Mas Yãmixoop veio primeiro colocar a natureza, a mata, as fruteiras, os passarinhos, a caça, colocou tudo na natureza, colocou o mar, o mangue, o rio, e nos rios colocou peixe, no mar colocou vários tipos de peixe, e fez da forma que poderia ajudar os Pataxoop, até o poder do mar, o maior sagrado do mundo, o dono do mundo; Yãmixoop fez o mar ter os momentos dele: tem o momento em que ele está cheio e tem o momento que ele está vazio. Então Yãmixoop colocou tudo isso na terra e voltou para terra do céu. Quando foi um dia, Pataxoop ficou com fome, então olhava para um canto, olhava para outro via tudo mais não sabia o que era de comer, ficou com medo de mexer nas coisas porque somos um povo que temos que ter a liberação da natureza: nós Pataxoop temos que ser liberado pela mãe terra. Um dia yãmixoop chegou na terra e perguntou se Pataxoop tinha gostado, e Pataxoop falou que gostou da terra. Yãmixoop perguntou como que eles estavam, e pataxoop respondeu que estava bom, mas que eles estavam com muita vontade de comer e ai Pataxoop perguntou a yãmixoop de que eles iam sobreviver, e ai yãmixoop disse que eles poderiam ir lá que encontrariam, ‘eu deixei tudo aqui para vocês’. Pataxoop falou que tinha ido lá e não tinha achado nada e eu não sei de que eu vou viver, então yãmixoop saiu andando com Pataxoop conversando com ele mais que primeiramente ele tinha que perguntar porque nesse tempo tudo falava, no tempo que Yãmixoop colocou aqui no mundo tudo falava: árvore falava, mata falava, rio falava, mangue falava tudo tinha a voz mais ninguém via, era mistério. Ai yãmixoop saiu como ele tem grande poder então ele fez as coisas falar nesse momento mais Pataxoop não via, só ouvia as vozes então yãmixoop continuou andando com Pataxoop foram na mata e yãmixoop perguntou pra mata: ‘Mata, eu coloquei Pataxoop aqui e é de você que eles vão se alimentar, e é aqui na terra que eles vão fazer a vida deles, e aqui que eu coloquei tudo que Pataxoop vai precisar; é de moradia, é de cura, é de alimento, é toda a vida dele é você que vai sustentar. Você sustenta ele?’ Aí a mata respondeu de lá: ‘Um dia sim, um dia não’. Pataxoop só ouvia ela, então Pataxoop falou: ‘Então está bom’ concordou. Aí sou eu que vou ter que fazer meus manejo de vida. Depois foram perguntar o rio porque tudo tinha que perguntar. Então yãmixoop falou: ‘rio, eu trouxe Pataxoop aqui pra você alimentar ele, ele vai viver aqui e eu coloquei você para alimentá-lo de alimento, cura de tudo que ele precisar, e água para sobreviver. Ai o rio falou: ‘Está bom, eu sustento mas um dia sim e um dia não, mas de todos os dias fica a água mas o alimento que tem dentro dele é um dia sim um dia não’. Pataxoop falou:

‘Está bom mas ficou muito feliz. Yâmixoop chamou para ir no outro parente, o mar, e yâmixoop falou para o mar: ‘Mar, eu trouxe Pataxoop aqui e você vai sustentar ele’; então o mar falou: ‘Está bom, mas vou dar um dia sim e um dia não’. Ai Pataxoop falou que estava bom, foram para o mangue e quando chegou tinha um monte de bichinhos andando nele e o mangue tem o rio também e é o que tem mais alimentos e faz produção rápido igual Pataxoop. Ai yâmixoop chamou o mangue e falou: ‘Olha mangue, eu trouxe Pataxoop aqui e eu coloquei vocês aqui, e coloquei tudo que eles alimentam de você, e eles precisam da sua ajuda’. O mangue perguntou: ‘Ajudar em que?’ Yâmixoop falou: ‘Em alimentação e sobrevivência’. Ai o mangue respondeu: ‘Ajudo sim. Dou todos os dias, mas nós vamos fazer um trato. Toda vez que Pataxoop vier, tem que deixar um pouco do sangue deles, e é a onde nós vamos fazer essa troca’. Ai yâmixoop conversou com Pataxoop se ele aceitava. Pataxoop falou: ‘Deixamos sim importante é ele me alimentar’. O mangue é o lugar que a gente vai e não volta com as mãos vazias nem que sabe uma coisinha a gente trás, é o lugar que tem tudo; lá tem peixe, tem vários tipos de mariscos, pega um e vem outro, e todo Pataxoop que vai no mangue volta com seu samburá cheio. Pataxoop só foi agradecer porque Pataxoop é de mata atlântica ele tem tudo na vida dele, e tem essa forma de alimentar. Pataxoop alimenta da mata, do rio, tem lagoa, mar, e mangue. Yâmixoop fez Pataxoop feliz com muita fartura, e nós somos um povo que temos tudo no nosso corpo, fomos bem premiados com yâmixoop e nós agradecemos a natureza e yâmixoop. Ele nos deu de tudo nesse chão de vida com muita fartura e temos todos esses lugares que nos fornece alimentos da mata, do mar, dos rios, dos campos, dos brejos, das frutas da mata, das frutas da beira da praia; somos um povo que tem esse privilegio com yâmixoop e a natureza e ele sempre nos ajudam, e se yâmixoop não nos ajudar até isso o homem branco quer tomar de nós, mas somos um povo resistente, e tudo na terra yâmixoop separou ele não fez rio dentro de mar, não fez mata na beira da praia, yâmixoop fez o mar, o mangue, a terra da praia. Ele fez tudo perfeito aqui na terra, para deixar para cada povo, e por isso que o mar ele não tem fim, o mar não tem parada. Para ele o mar é ao redor do mundo todo, porque cada um precisava dele e hoje contamos a nossa história de sobrevivência no tehêy.



## 2.9 Valor do tehêy: Ritual de agradecimento



Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxoop.

Esse é um ritual que fazemos durante o tempo que passamos no tempo das águas porque nós temos dois grandes tempos na vida da gente: nós temos o da chegada das águas e o outro, o da ida; igual eu falei, a natureza é igual a nós mesmos, e a mãe terra também, porque a mãe quando recebe seus filhos depois que eles crescem e mudam para outra terra e vem nos visitar, a mãe faz de tudo para agradecer o seu filho a vinda dele na casa da gente e a mãe terra ela é uma casa de todos no mundo Pataxoop e de toda natureza, e esse ritual nós agradecemos durante o que aconteceu no tempo das

águas. Nesse tempo que a gente passa e acompanha todo mundo, tem esse agradecimento do que passou junto com a gente, agradecemos por tudo que a gente plantou, da produção de vida que a gente fez durante aquele tempo, de quem passou, e de quem nos visitou, porque na natureza todos seus elementos se juntam durante o tempo, e fazem um grande trabalho: a chuva faz o trabalho dela aqui na terra durante seu tempo, o vovô raio também faz, a vovó trovoada também faz, o irmão vento também faz e eles trabalham para Pataxoop e toda natureza na terra para os animais, as plantas, os passarinhos, as caças, para as grandes e pequenas fruteiras, pequenas e grandes plantas, pequena e grandes matas, os pequenos rios, os olhos de água, para o vovô mar que é o dono do mundo dá essa fartura toda para esses lugares, o mangue e todas as vidas que vivem nele, as montanhas, os brejos, os campos e todos os passarinhos estão com suas farturas, os bichinhos que vivem debaixo da terra, as minhocas, as formigas, o sapo, o grilo, a abelha, as borboletas e todos os bichos e todo mundo tem fartura. Todo mundo que planta colhe e come e tem a nossa ligação de vida com todos os seres vivos da terra, porque todo mundo ajuda um ao outro, todo mundo faz a sua parte aqui na terra. Esse ritual acontece no mês de fevereiro, pois fevereiro é o mês que encerramos o tempo da chegada das águas; as águas fazem toda a sua produção no seu tempo, e agora ela vai embora e nós fazemos a mesma oferenda de vida, fazemos a limpeza do espaço porque o yãmixoop mimatxi ele vem na chegada e no final. Ele passa celebrando junto com nós e nós oferecemos nesse ritual porque já está finalizando o tempo da chuva, do vento, dos raios, do trovão e é tempo dos parentes da natureza, as garças, voltarem para seus lugares e a gente oferece esse ritual de agradecimento por tudo que a natureza nós deu durante o tempo das águas e nós oferecemos a comida, oferecemos a fogueira, e oferecemos os nossos alimentos tradicionais da nossa cultura. É um ritual que não é feito do banho da terra e a água porque nós estamos agradecendo a ida deles e agradecemos a mãe terra e todos se misturam e ficam alegres e a natureza se mistura com a gente e nos agradece também, porque esse parentes sagrados eles agradecem a nós também, como nós falamos que tem as coisas misteriosas na terra e no céu e a gente agradece com muito carinho a esses parentes, e vemos que a natureza toda a mata, o rio, as montanhas, as pedras, os passarinhos que se alimentam nesse tempo. No tempo das águas é muita fartura, é muita fruta dentro da nossa terra, todo mundo se junta e oferece, a gente oferece as plantas que plantamos o feijão, o milho, a pimenta, e todas as plantas que fazem parte da nossa cultura. É tempo de renovar as roças, os quintais, é tempo dos bichos estarem se alimentando e como é tempo de muita goiaba,

jabuticaba, manga, de todos os alimentos, todos os tipos de fartura, de fruteiras, e a gente agradece com um canto, com dança, com grito, com sorriso e com a maior alegria. Cada família faz o seu alimento mas na hora é coletivo: fazemos fumaça da amesca porque a amesca dentro da nossa cultura é uma planta que é nossa parente e também tem o nosso olhar com a natureza porque na natureza tem animais que a gente come, a fruta que a gente come e a gente agradece. A gente agradece também os bichos que a gente não come de viver conosco, agradecemos a natureza que vive dela também, agradecemos pelo nascer das plantas, a produção da mata, dos rios, as produções dos cipoeiros, todo o universo do céu e da terra. É um agradecimento coletivo por tudo que passamos na nossa vida, pelas nossas curas, alegrias, saúde, os animais, vovô sol, vovó lua, as plantas, e nós não vivemos sem eles e nem eles vivem sem nós, nós e a natureza vivemos com o pensamento um para o outro, e é de onde a gente recebe nossas curas. É da terra que vem nossa cura, porque se não fosse a natureza a gente não seria feliz mais aqui em Muã Mimatxi é um pedacinho de chão que eu sempre falo que é um lugar brilhante para mim, foi onde eu encontrei minha força e felicidade, a minha alegria e que essa alegria ela nunca vai sair, e por essa bondade é que a gente agradece toda a natureza e a todo universo e ao yâmixoop porque ele é o dono do mundo e nós temos uma terra onde passam todos os yâmixoop, por isso fazemos nosso ritual agradecendo a todos.

## 2.10 Valor do tehêy: Ritual das águas



Foto dos autores. 2018. Tehey feito por D. Liça Pataxóop.

Todo ano a gente agradece a natureza com um grande ritual, porque tudo na natureza ele agradece pelo tempo também, e o ritual das águas é para agradecer todo esse tempo. Nós Pataxóop temos dois grandes tempos na nossa vida, e um deles que é a chegada das águas, que é o tempo da chuva, da vovó trovoada, do vovô raio, do irmão vento, e da mãe terra. Nós, Pataxóop, agradecemos esse grande tempo porque foi um tempo marcante de vida na terra, e a chegada do Pataxóop também na terra. Pelo tempo

da chegada das águas nós somos filhos das águas e dentro do conhecimento da nossa cultura esse tempo é de vários povos da natureza. Esse tempo ficou marcado para cada um de nós Pataxoop, e toda natureza dos parentes que fazem parte dessa ligação com a terra, que tem o tempo de cada um fazer sua produção porque a natureza ela se junta para ter o seu tempo, e Yãmixoop deixou marcado para cada sujeito, para cada um ter o seu tempo o conhecimento de vida Pataxoop. Todo mundo tem seu tempo de produção, tempo de nascer e crescer, tempo de fortalecer, tempo de se renovar, tempo de fortalecimento de vida, e o tempo que estamos vivendo é o tempo das águas. O tempo das águas é um tempo grande, de muita fartura, e nós temos esse agradecimento de festejar e celebrar esse tempo das plantas produzirem, tempo dos parentes passarem pelo nosso chão de vida, pela terra, é tempo dos parentes viajarem de um lugar para o outro visitando, e em Muã Mimatxi a gente recebe muitos parentes que vem aqui ver os parentes garças, os quero-quero, os sabacu, as saracura, os paturis, e vem garça grande e a pequena, então nesse tempo elas passam em nossa terra visitando e fazendo sua morada; a gente se sente fortalecido. É um tempo em que todo mundo trabalha.

É tempo de oferecer alguma coisa na terra: as sementes, é o tempo das mudas, tempo das raízes é um tempo de muita alegria, e nós oferecemos nossa parte porque é um tempo em que a natureza está chegando próximo da gente, a gente junta e trabalha, a natureza também trabalha, faz a parte dela, porque cada um tem o seu tempo, então esse tempo é um tempo que os sagrados se juntam para fazer um grande trabalho de vida na terra, e todo mundo dá a sua mão. A mãe terra porque ela vive de ajuda com outros parentes que fazem parte dessa vida aqui na terra, como a irmã chuva, e ela faz o papel dela junto com a terra, a terra segura acolhe e a chuva ajuda a viver também. e nós nunca deixamos de fazer o nosso ritual de festejo à grande natureza. E é um ritual que a gente faz pra agradecer a todos eles, e a gente oferece as nossas farturas de tudo da produção da natureza, da mata, do rio, dos brejos, dos campos, e do grande dono do mundo. Mesmo que estejamos distante dele mas nos sentimos próximos, porque é um tempo que celebramos para todo mundo as fruteiras, as montanhas, as pedras, a terra, as pequenas plantas, as grandes plantas, a gente agradece e nós juntamos ao outro para agradecer o que vive naquele outro tempo celebramos para o nossos parentes Pataxoop da natureza, os papagaios, o gavião. E o ritual é esse tempo da renovação, é tempo das plantas se renovarem, as sementes nascerem, os brotos nascerem, e as plantas estão nascendo, e os brotinhos estão sem a proteção dos seus vestidos, suas folhas, sua roupa,

e nós agradecemos porque esse tempo ficou marcado para o povo Pataxoop porque foi chegada do povo de outra terra do universo para essa terra aqui embaixo. e agente agradece porque as águas nos trouxeram, e a água ela nos alimenta, é a nossa força divina de vida, porque sem água não tem vida. A água traz o ar através das plantas das matas, dos rios e agradecemos as plantas que fazem a sua alegria durante esse tempo, e nós agradecemos com os cantos, as danças, os gritos, os sorrisos, a gente brinca e conta histórias, oferecemos a fumaça da amesca, que é uma planta sagrada, oferecemos a bebida tradicional do nosso povo, o cauim (bebida da mandioca), é o tempo que Yãmixoop Mimatxi, que é o nosso Deus da natureza e de todas as forças das matas, rios, dele passar por aqui na nossa aldeia. Yãmixoop Mimatxi tem esse momento para nos visitar, e como aqui nós não temos o rio, nós agradecemos colocando água em vasilhas para agradecer e receber, é uma forma da gente fortalecer o nosso corpo recebendo as boas energias da terra e da água porque todo o nosso povo sobrevive da terra e a água. Nós moramos num lugar que temos nossos parentes plantas, temos essa irmandade com a natureza e eles vivem aqui, e nós pedimos força e proteção de vida aqui na terra para eles, e o ritual nos dá esse rumo de vida, sabedoria, alegria, paz, e a gente agradece oferecendo o fogo que é sagrado, e faz parte da nossa vida. Cada família faz o seu alimento para oferecer dentro do nosso ritual, e estamos nos alegrando e vivendo com a natureza. O ritual é muito sagrado e forte dentro do povo Pataxoop, e essa é nossa crença, com nossa religião com a natureza.

### **3. A IMPORTÂNCIA DO TEHÊY PARA A COMUNIDADE**

O Tehêy nos leva para o nosso trabalho de vida com atenção, e nos faz enxergar imagens da natureza e de todo o conhecimento que não é escrito por palavras, mas sim pela força da oralidade, quando aprendemos trabalhar, brincar, ouvir, sentir, olhar, pesquisar e estudar, enquadrado pelos valores da vida. Com os valores do Tehêy, aprendemos grandes habilidades de vida para entender e descobrir os funcionamentos e conhecimentos da natureza. O Tehêy de pescaria de conhecimento é uma atividade onde pescamos os conhecimentos tradicionais, as atividades cotidianas e de outros trabalhos que estão sendo desenvolvidos, sempre dialogando com outros saberes, de forma a ampliarmos a nossa leitura e compreensão de mundo. O Tehêy orienta a nossa educação, e tem uma importância muito grande para nós porque ele guarda as histórias

por meio das imagens, histórias tradicionais e histórias novas e todo o campo de experiências vividas na aldeia.

Os tehêys nos proporcionam o registro e a guarda de histórias que são importantes para nossa vida. Quando falamos da ancestralidade, buscamos a força dos conhecimentos da tradição, que são muitos sagrados para o fortalecimento da vida, da cultura, da terra, da natureza e dos rituais. No tehêy “A vida na minha casa” encontramos a aprendizagem passando pelas gerações: ‘é mais uma vida que a gente aprende com a mãe da gente e as crianças também’.

Em cada um dos tehêys, encontramos conhecimentos que fazem parte da construção da vida da comunidade, como por exemplo o tehêy do Ritual das Águas, que é construído a partir de um tempo que está fazendo parte da vida presente do povo, as matas, as águas, os animais, a terra e as chuvas, e o agradecimento pela renovação do que foi plantado nos tempos anteriores, marcado pela presença de Yãmixoop.

Um tehêy é ligado a outro porque as histórias contadas na casa são ensinadas como exemplo para outras casas e famílias. Como exemplo podemos mencionar o tehêy “Os cuidados com as crianças” no qual o zelo e o cuidado com as crianças são passados em todos os momentos na vida da aldeia. Assim, o tehêy nos fornece uma narrativa ligando as diversas partes das experiências e vivências do dia a dia na aldeia.

Os valores que cada tehêy possui são marcados por aquele que construiu cada momento do cotidiano: o Yãmixoop. Em vários tehêys, os Yãmixoop são citados por diversas vezes como parte da transcendentalidade do pensamento do povo Pataxoop. No tehêy “A construção do povo Pataxoop”, o Yãmixoop formou tanto o caminho para que os Pataxoop e andihy viessem da terra existente no céu quanto distribuiu estes povos na terra. Porém, ‘andihy’ estragou tudo, a vida e a natureza: “Cada vez mais lembramos da nossas histórias e nos fortalecemos, e ficou guardado na memória, e esse é um tehêy fortalecido na minha vida, ele é uma história de marca do povo Pataxoop: conta da chegada aqui na terra, porque as vezes o homem branco ele é o primeiro a desconsiderar o dono da terra porque o que é deles eles tiveram também e hoje aqui está cheio de brancos. Eles pensam que eles foram os primeiros donos da terra, os primeiros habitantes dessa terra, mas não foram”

Além disso, pelos tehêys se percebe a relação entre povo Pataxoop e a natureza, na qual ‘um não vive sem o outro’, isto é, as pessoas também fazem parte da natureza.

Tudo isso só foi possível porque Yãmixoop veio à terra e fez tudo antes dos habitantes chegarem. Caminhando juntos, perguntaram às matas, aos rios, e ao mar se era possível alimentar Pataxoop. A resposta foi positiva, o que mostra que Yãmixoop foi o responsável pela relação entre Pataxoop e a natureza.

Por tudo isso Yãmixoop é sempre buscado para participar de rituais, pois organizador dos tempos e dos espaços do povo Pataxoop.

#### 4. CONCLUSÃO

Kanatyó nos diz em sua entrevista:

Com o Tehêy trabalhamos valores de busca da sabedoria para alcançar melhoria e bem estar de vida podendo ter uma visão ampla da vida e do nosso mundo onde buscamos esses valores da ancestralidade com a nossa religiosidade, com as imagens que são desenhadas Tehêy são sagradas onde os valores guarda conhecimentos com força da vida da natureza e busca do saber do conhecimento que nos serve para vida e trazer tudo para o nosso centro de vida buscando alegria do brilho e da luz dos conhecimentos de tudo que fez parte da vida ancestral e da vida de hoje, assim vamos saber fazer a leitura das histórias das imagens e isso é muito importante, aprendendo a fazer a leitura da natureza e da vida sem estar escrito com letras e palavras.

Os tehêys de pescaria de conhecimento têm uma grande importância para o povo Pataxoop de Muã Mimatxi, pois carregam muita força da natureza, da terra, do universo, da nossa cultura e da ancestralidade. Os conhecimentos dos tehêys caminham nas histórias ancestrais do povo Pataxoop, e uma dessas histórias é contada no tehêy “A sobrevivência do povo Pataxoop”, que fala sobre o fato de Yãmixoop aparecer na terra para visitar Pataxoop. Depois da sua chegada foram nos lugares que tinha os alimentos para Pataxoop: na mata, nos rios, no mangue, no mar, enfim, de tudo que ia fazer parte da vida e sobrevivência do povo Pataxoop. Yãmixoop fez essa caminhada com Pataxoop, para pedir ajuda para a sobrevivência do povo aqui na terra. Essa é uma história ancestral, e hoje é contada e registrada através do tehêy, onde estamos voltando a um tempo sagrado, a um tempo que foi vivido pelo nosso povo depois da chegada aqui na terra. Ele traz uma direção de vida para nosso povo, onde fortalecemos a nossa cultura e compreendemos cada vez mais a vida, a terra e a natureza.



Com os tehêys de pescaria de conhecimento fortalecemos a nossa educação e abrimos portas para grandes ensino e aprendizagem, com a presença de valores que vão dar uma direção de melhoria de vida para nossa comunidade, fortalecer a nossa vida na terra, fortalecer os nossos rituais e a natureza, e assim os tehêys trazem esse ensino pra dentro da nossa vida, coletando todo o ensino que é sagrado pra gente. Vejo a grande importância para nossa escola, onde o método dos ensino dos e pelos tehêys é um dos troncos de conhecimento de grande valor para nosso povo, como no tehêy “Ritual das Aguas”, Nesse tehêy D. Liça fala: “todo ano a gente agradece a natureza com um grande ritual, o ritual das águas ele é de agradecer todos esses tempos. Nós Pataxoop temos dois grandes tempos na nossa vida, a chegada das águas é o tempo da chuva, da vovó trovoadá, do vovô raio, do irmão vento, e da mãe terra. Nós Pataxoop agradecemos esse grande tempo porque foi um tempo marcante de vida aqui na terra: a chegada do povo Pataxoop na terra” assim o tehêy faz parte da nossa história de vida onde tem muitos valores importantes para nosso povo, buscando cada vez mais as forças sagradas.

Os ensinamentos que são passados através dos tehêys são muito importantes porque tem as imagens que são sagradas para nós mesmos, e a força da oralidade. O ensinamento da oralidade é um ensino que veio passando de geração a geração através dos conhecimentos dos mais velhos, das histórias de vida que foram contadas por eles. A professora D. Liça não tem nenhum tipo de estudo, e o seu ensino dos tehêys vem da faculdade da cultura e da tradição, junto com as experiências de vida que se transformam em conhecimento. Vejo a importância e a força de D. Liça quando leva os valores dos conhecimentos tradicionais para a escola. Passam a fazer parte da escola e da comunidade, porque escola e comunidade andam lado a lado. Assim, podemos ler no Tehêy “A vida na minha casa”; no qual traz a vida e os cuidados das famílias na aldeia, e então ela conta a vida dela e as crianças também; e para D. Liça é importante porque é uma forma das crianças participarem, e conhecendo a vida de cada um ela leva um tema que dá liberdade para a criança se apresentar para a escola através de seus tehêys. Vejo a importância das crianças terem oportunidade de apresentarem a vida de sua família nas escolas porque educação é vida, e nós, como educadores, temos que cuidar do pensamento de nossas crianças porque fazemos parte da vida delas, e o conhecimento dos tehêys é um pilar da nossa educação. É pra onde nossa educação se orienta e organiza a vida do nosso povo. Essa área de conhecimento é específica da educação de

Muã Mimatxi onde cuidamos da nossa terra e da natureza, buscando a força da ancestralidade, da nossa identidade e da nossa cultura.

O método dos tehêys de pescaria de conhecimento é praticado pela escola da minha aldeia. É um livro de estudos que carrega e guarda valores sagrados para nosso povo, e onde mostramos nossas crenças tradicionais e culturais, produzindo um ensino diferenciado, inovador. O material é feito a partir da experiência vivida pelo professor, que vira conhecimento, sendo citadas no tehêy “Compartilhar e ajudar os animais”. D. Liça fala: ‘é um tehêy da preservação da vida da natureza é um valor que a gente tem com nós aqui em Muã Mimatxi porque quando chega o tempo da seca a gente ajuda até os animais da natureza porque a gente planta, milho, feijão, banana, mamão e esse tempo que tudo está escasso e a gente preserva as plantas para os animais’. Então nesse tehêy está sendo contado uma história que é experiência de vida pela aldeia onde tem um valor muito importante para nossa terra, porque cada terra tem sua experiência de vida, e trabalhamos na cura da terra, e aproximar a natureza na nossa vida como as plantas e os animais não queremos que eles vão embora. Se não nos importamos com a preservação a natureza ela acaba, e nós, Pataxoop, nos preocupamos com essa destruição que vem acontecendo com a mãe terra e a natureza. Os não indígena não se preocupam com tudo isso, e a natureza não parece importante para a sobrevivência deles aqui na terra: destroem as matas, polui os rios e matam os animais e nós indígenas sabemos que fazemos parte da vida com a terra e a natureza, os tehêys guardam essas experiências, e dentro dos tehêys encontramos um conhecimento dentro de outro conhecimento, ambos marcados pelos valores da nossa ancestralidade, da nossa cultura, da natureza, do nosso território de tudo que faz parte da nossa história.

Vejo a importância dessa pedagogia diferenciada dos tehêys para a minha escola, onde quero apresentar no meu trabalho a importância dos ensinamentos dos tehêys através das imagens em conjunto com a força da oralidade. Assim trabalhamos o ensino cultural, o ensino tradicional do nosso povo, a nossa ligação com a natureza, o nosso território e os ancestrais, D. Liça faz essas pontes através da educação caminhando em vários conhecimentos que são importantes para sua comunidade onde os primeiros conhecimentos vem da ancestralidade que são sagrados para a força da cultura, trabalha com a melhoria de vida. Essa experiência que é trabalhada pelos tehêys é uma experiência que é muito importante para nossa comunidade. Vejo essa carência de outras pessoas expressarem a sua escrita das imagens e assim com o meu trabalho

mostrarei que esse ensino que é praticado e mostrar a importância e o quanto é relevante para o meu povo e assim levar para o mundo essa pedagogia dos tehêys de pescaria de conhecimento. Atualmente nós fazemos essa formação através das imagens na escola e assim conseguimos fazer essa leitura das imagens da natureza, da terra e da vida. A gente consegue ler e compreender aquilo que, sem estar escrito com palavras, foi escrito pela D. Liça, e assim mostrar que para ler e escrever não precisa está escrevendo com palavras. Nós, Pataxoop, fazemos essa escrita e leitura do ensino das imagens que batizamos de tehêys de pescaria de conhecimento.

## **ANEXO 1 – ENTREVISTA COM SEU KANATYO**

O Tehêy de pescaria de conhecimento é uma prática pedagógica da escola da minha aldeia ele é um livro onde o professor registra toda sua pesca de conhecimento que ele pescou durante a vida a vida cultural, as histórias ele é um livro vivo que guarda histórias vivas é um material vivido pelo o professor como nossa escola trabalha com a vida o tehêy é uma experiência vivida que vira conhecimento e essa experiência que se transforma em conhecimento é também pra melhorar a forma de vida com a terra que a gente vive porque cada terra tem sua a sua vida, sua experiência de vida e os tehêy apresenta tudo isso ele vai guardando toda essa experiência de vida e o importante é que o tehêy ele não morre e não finda o tehêy ele liga as várias histórias da vida ele liga um conhecimento a outro conhecimento, liga um valor a outro valor, liga um tempo a outro tempo, liga uma geração a outra geração o tehêy ele é importante porque ele não deixa morrer a cultura e o conhecimentos ancestrais, hoje mesmo a gente estuda nossa história desde da origem do povo Pataxóop contada através dos tehêy e assim o tehêy faz a leitura da vida, da cultura e da comunidade, o tehêy é um material vivo que não se apaga que sempre brota luz quando pegamos um tehêy do tempo das águas fazemos uma imensidão de leitura de conhecimento de cultura que está ligado e assim partimos para outras produção de tehêy onde ele nos proporciona essa viagem para outros cantos da vida, canto da cultura com o tehêy, ele é um material como as sementes vai brotando os conhecimentos e vai descobrindo novos conhecimentos é um material de grande estudo pra vida e a ciência do povo onde estaremos trabalhando e desenvolvendo os conhecimento e esse conhecimento das imagens passa para a escrita também porque é importante ele é um material que te proporciona vários tipos de produção, vários tipos de escritas no tehêy a gente encontra a música, a brincadeira, as histórias, a ciência do nosso povo encontramos vários trabalhos para desenvolver, o tehêy carrega uma imensidão de saberes uma biblioteca viva de conhecimentos é uma escrita viva do nosso povo onde guarda as histórias do tempo velho e do tempo novo, ele é produzido no encontro dos conhecimentos tradicionais, ancestral e atividades cotidianas para assim fortalecer a nossa cultura, dialogamos através da oralidade sempre com os saberes ampliando nossa compreensão de mundo. Com as práticas do Tehêy trabalhamos com o pensamento e a vida da comunidade, com tudo que a gente quer fazer e buscar na vida e na natureza, com o Tehêy trabalhamos valores de busca da sabedoria para alcançar melhoria e bem estar de vida podendo ter uma visão ampla da vida e do nosso mundo

onde buscamos esses valores da ancestralidade com a nossa religiosidade, com as imagens que são desenhadas Tehêy são sagradas onde os valores guarda conhecimentos com força da vida da natureza e busca do saber do conhecimento que nos serve para vida e trazer tudo para o nosso centro de vida buscando alegria do brilho e da luz dos conhecimentos de tudo que fez parte da vida ancestral e da vida de hoje, assim vamos saber fazer a leitura das histórias das imagens e isso é muito importante, aprendendo a fazer a leitura da natureza e da vida sem está escrito com letras e palavras, o tehêy é um acervo de palavras que vem da terra de toda natureza, dos rios, das sementes, dos animais é um acervo histórico que vem de muito tempo e quando passamos para ser registrado ele passou a ser mais forte é muito importante guarda essas palavras dessa cultura que a gente vive e assim transmitimos a produção da inteligência do nosso povo para o tehêy assim guardamos a memória e as palavras da nossa vida com a terra, dos lugares vividos, da vida vivida dentro desse território, dentro dessa história que vem desde de muito antigamente.